

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR: PROPRIETARIO: MARIANO PINA
Dr. Héctor Propietario: MARIANO PINA

LISBOA

Dirigiu, finalmente, a missão italiana e portuguesa, no Piauí, a Companhia Nacional. Keitosa, Largo do Clube Itaú, Lisboa; e nos Estados Unidos do Brasil o Centro de Assunções, Ya, Ya, da Inglaterra, no Japão.

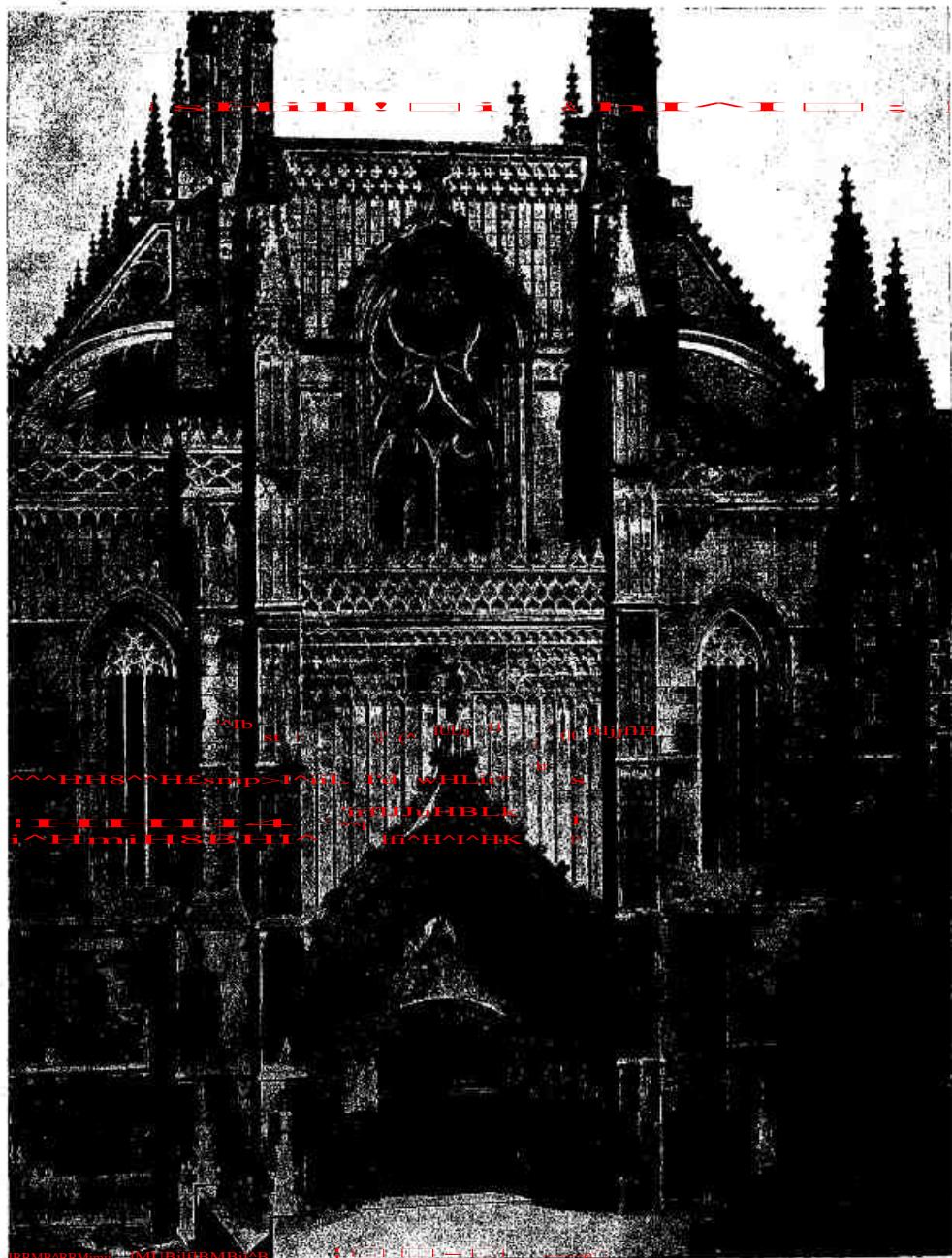
7: AMO-VJUAN VII-N° 24

LISBOA 31 DE DEZEMBRO DE 1890

Gerente em Portugal: COMPANHIA NACIONAL EDITORA

ASSINATURAS

ANNO (mo) 1990 LAKKIMO (mo) CÍRCULO (mo) RÉP.
mo MHNH (mo) JANUAR (mo) (jide) -
ANNO (mo) 1990 LAKKIMO (mo) CÍRCULO (mo) RÉP.
ANULSO (mo) (mo) (mo) (mo) (mo) (mo)



PORTUGAL PITTORESCO.—Entrega principal do convento da batata.

Reconfortado, fui-me a procurar Roque Barcia.

Entreguei a minha carta literária, e esperei.

Por motivo de doença o nosso director Mariano Pinto não pôde escrever hoje a sua chronica quinzenal. Cedemos portanto este lugar ao nosso ilustre collaborador Silva Pinto, que ha muito os nossos leitores não tinham o prazer de ler nas paginas da ILLUSTRAÇÃO.



VOLUNTARIO!

Em fins de setembro de 1873 Roque Barcia escreveu-me de Madrid:

Venha! A Federal estaria na rua em três dias.

Olhei bem para este mundo particular onde cada homem encerra as aféições, ou o egoísmo. Não vi olhos de que a minha ausência, ou a minha morte, houvesse de exprimir lágrimas. Senti-me livre.

Recebera a intimação do agitador federal pelas 10 horas da manhã. Ao anotecer estava eu em Santa Apolonia. Na manhã seguinte estava em Badajoz.

Demora de vinte e quatro horas, para pensar. Porque, emfim, eu não tinha a estimular-me n'aqueila resolução violenta o exemplo de centenas ou de milhares de compatriotas, estímulo poderoso que há um seculo deu à França e ao grande Carnot os elementos com que se organizam as vitórias. Partira só, em crise amarga, predecessora de outras mil, sem consultar amigos, sem deixar saudades, sem as levar também, e partira para um paiz estranho, a convite de um exaltado, a defender ideias muito sentidos e mal compreendidos. A revolução social de Paris deixaria um fermento de coleras no espírito e no coração da mocidade revolucionária, e essa fermentação ia produzir em Espanha a revolução federal. Era como que ressurreição da Communa. Conterras e Pierrad succediam a Cluseret e Delescluze.

Nessas vinte e quatro horas, que eu passei no meu quarto do Hotel das quatro nações, vive tempo de amadurecer o meu plano. Olhara-me bem a dentro de meu ser moral e achava justo o sacrifício da materia. *Chair à canon!* Para que diabo servem os vinte annos, senão para os oferecer ao Ideal e à Morte, quando nenhum olhos de mãe nem de mulher amada nos embargam a passagem da vida?

Cheguei a Madrid. Era de manhã cedo. Eu tinha deixado em Badajoz a minha bagagem aos cuidados da gente do hotel e entrava na capital da Espanha com uma pejeta, muito frio e um appetite de vinte e quatro horas. Levara comigo duas linhas de apresentação literária — para Benigno Martinez e Ventura Ruiz Aguilera. Comprei um pão nas proximidades do Passeio do Prado; comi-o, contemplando o monumento aos martyres da Independencia, e bebi agua na fonte do monumento.

— O sr. Roque Barcia?

Passos precipitados no corredor, falar em segredo, e por fim a boa velhota diz-me confidencialmente:

O sr. Roque Barcia fugiu hontem à noite. Foi perseguido pelo auctoridade, por estas causas de política. E ha ordem de prender, pelos modos, quem o procurar. Aviso o, senhorito. E' melhor não o procurar...

Esás-me na rua aquillo que o sr. Brito Aranha descobriu, com paciencia e estudo, chamar-se *calle em terras de Alfonso XIII.*

Orientei-me.

— Pois que já não posso bater-me pela Federal, contra a republica unitaria, vou bater-me pela republica unitaria — contra os carlistas.

Estava em formação e em vespertas de partida a expedição do general Moriones às Vascongadas. Nas ruas (*calle*), segundo a descoberta do meu sabio collega no jornalismo havia um movimento vertiginoso. Lembro-me de ter visto na praça da Cebada um regimento acampado, e o espetáculo exaltou-me o espírito. Ja! Ja! a causa de Benigno Martinez, o classico amigo dos Portuguezes!

Rua (*calle*) de Hortaleza, Benigno Martinez recebeu-me cordialmente. Exponho-lhe a minha pretenção. Ele escuta-me, com o sorriso especial do homem que tem visto mundo; multidão de asneiras em deserto de bom senso. Por fim:

— Vamo' nos ao ministerio da guerra!

— Vamos lá a esse rico ministerio!

Grande faina. Inscrivem-se dezenas de voluntarios. O D. Benigno conduz-me á beira de um oficial superior pede-lhe que me assente praça com *alguma consideração de distinguimento*. O outro está d'accordo. Pergunta-me nome, naturalidade; pede-me os meus papeis...

— Não tenho papeis.

— Como! Não está livre do recrutamento no seu paiz?

— Não, senhor.

— Então, nada feito! O meu amigo comprehende que a Espanha não pode alistar um subtil português que está sujeito á lei de... Eu já o não ouvia. Afastava-me para o lado da porta, enquanto o D. Benigno me dizia:

— Diabo de rapaz! Pois você nem sequer está livre da lei...

Etc.

Desci a escada do ministerio. Ao meio d'ella havia um grande espelho, onde eu me contemplava muito pallido. Achei-me outra vez ao ar livre, e fui-me ao monumento dos martyres da Independencia.

Havia alli perto uma mulhersita, com um taboleiro onde se achavam dispostos, à venda, espelhos, canivetes, ligas — um bazar dos tres vintens, em miniatura.

Comprei um canivete, ou antes uma navalhinha de cabo preto, por tres reales. Acabava de formar outro plano:

Deitárm-me a um canto, no Passeio do Prado, abrir o sangrador, com a navalhita, — e deixar-me morrer.

Quando mettia a navalha na algibeira, deparou-se-me a carta para Ventura Ruiz Aguilera.

Calle de Ave Maria. Oh! a modesta casinha do homem justo! Quantas vezes, no decorrer de sete annos, eu escrevi aquela morada, a subsciptar os desabafos da minha lucta, no santo espírito gasalhoso que me dera abrigo! *Calle de Ave Maria, 14.* — O sr. Aguilera?

— Quem é o senhor?

A nobre figura patriarchal do grande poeta das *Armonias y Cantares* desenhou-se-me ao fundo da pequenina sala. Aguilera tinha nra mão a carta. Veio direito a mim e disse-me:

— Está em terra amiga. Tenho alli um liro seu.

Era realmente um, livro meu publicado então e para logo esquecido e muito d'gno de o ser. Chamava-se *Horas de febre*, e compunha-se de contos phantasticos — deslocada leitura em período de actividade prática em plena auro-ra...

Contei-lhe *tudo*: os meus projectos, as minhas decepções, a luta dos meus desanimos, com a minha indole resistente. Ele ouviu, sorriu, e disse-me:

— Serene o seu espírito e considere-se meu filho, enquanto estiver n'esta casa. Só lhe peço que se demore aqui — até sahir curado. Iludi-se sobre os homens e sobre os acontecimentos; mas dentro em vinte annos hade-lhe ser d'occor recordar-se do período das suas ilusões, como o homem desiludido e na edade madura se recorda do seu primeiro amor de crença.

Fui hospede do grande poeta e santo homem, durante dias, semanas, até em regressar a Lisboa. Elucidou-me — para tres dias. As ilusões voltaram, para durarem muito. Foi preciso que os vendavais trouxessem o violento e agreste sôbro salvador que ensina o homem quando elle já não pode. E' o adagio: *Se a mocidade soubesse... e se a velhice pudesse.*

Pouco original, mas eterno!

E ahi está o caso do meu alistamento — como voluntario. Era para morrer — a sério. O destino determinou *outra cosa*.

SILVA PINTO.



LYRAS

Tu sabes o que era o Mar
antes de andar agitado...
Era um lago subjugado
da morbidez d'um olhar
que o trazia apixonado.

Porém, um dia, o luar
que era a luz d'aquele olhar
não veiu como o costume
apagar todo o ciúme
que andava dentro do Mar.

E esse abysmo que não sondas,
foi então que embraveceu,
e levantou para o céo
as imprecações das ondas,
quando o luar se escondeu.

Hoje essa massa inquieta
batida pelas saudades,
vendo que a lha indiscrita
tomou novas amizades,
forma as louças tempestades,

É nós, ouvindo-as passar,
cremos que o Mar é um malvado,
e no entanto o pobre Mar
não me parece o culpado;
o culpado é aquele olhar.

Assim, vendo essa tristeza
que paira por sobre as águas,
eu imagino, príncipe,
que me endoidece com magas
teu olhar, se me despreza...

Por isso na grande lida
do meu caminho de abrolhos...
te peço em voz dolorida:
que antes me tires a vida
do que me escondas teus olhos.



AS NOSSAS GRAVURAS

O convento da Batalha

A nossa estampa representa a porta principal do convento de Santa Maria da Vitoria, vulgarmente chamado da Batalha. Se ha obra em que a alma de um povo possa ficar eternamente gravada é esta com certeza. A arquitectura da Batalha, porventura normando-gótica, é acima de tudo e antes de tudo a obra de um artista verdadeiramente genial, e a crystallisação memorandis ima de uma época gloriosa. O artista é Alfonso Domingues, a época, a de Nuno Álvares.

Esta grandiosíssima obra arquitectónica, erigida para vincular à eternidade a vitória d'Aljubarrota, ganha a 14 de agosto de 1385, é uma epopeia de mármore, vibrante de entusiasmo, arrebatadora de patriotismo. Ali, na majestade e na beleza do labor da pedra, jaz entretorcido o canto de uma nacionalidadeiosa da sua hora e da sua independência; ali, na sumptuosidade das capelas, no piedoso âmbito da igreja, queda ainda o que quer que seja das crenças de nossos maiores, dessas crenças fervorosas a que se acolhiam no fragor das batalhas, quando a terra irrigada de sangue vovava sob as patas dos corceis, como retalhos da propria alma.

Talvez no gênero d'este edifício, e olhada a sua significação, outro se não levante em parte alguma do mundo a elle aquivalente.

Conta-se que mestre Alfonso Domingues, arquitecto e construtor d'esta assombrosa maravilha, havendo perdido a vista, fôra substituído por um tal irlandês Ouguet, que teve resultado desastroso na construção da abóbada da casa do capítulo. Era sem columna ou pilar que Domingues a planeára, e confiante afirmava poder levá-la a termo, n'esta conformidade. Ouguet, porém, māu grado esforços denodados, viu desabur sempre a obra quando os supports eram tirados. O mestre declarou que o risco era inexequível. Então o cégo, por oferecimento ao rei, tomou a seu cargo seguir o desenho na sua primeira forma. E foi sob a direcção d'este grande artista, que em sua alma sentia o relévo de cada pedra e a forma de cada figura, que a abóbada se concluiu. Parece que até n'isto alguma cousa existe a inclinar-nos à veneração pelo convento da Batalha, como uma expressão funda e genuinamente nacional.

João I deu a esta igreja, entretecedos a ouro e prata, só de um luxo que hoje se tornou inverosímil.

Respira-se na Batalha a grandeza do passado de pugnas, em que o triunho levantou Portugal à posição de heroico campeão da religião, e do poiz consagrado da bravura.

Para se formar uma idéa aproximada da magnitude d'este edifício basta-nos mencionar que o corpo da igreja tem de comprido, até o primeiro degrau da capela-mor, 60 metros, e d'ali até o fundo da mesma capela-mor, 14; ao todo 80. Tem de largo 22 metros e de alto no centro, 33. E de 3 naves. As paredes tem 2,00 de espessura. Toda a obra é de bellissimo mármore branco.

Se é certo que ali, na memoranda edificação que symboliza a valentia de nossos antepassados, perdura indubitablemente alguma cousa de épico, já larga razão quando dizia um escritor distinto: «Todo o português deve, pelo menos, uma vez na vida, visitar a Batalha.»

O doutor Koch

A emoção causada pela descoberta do dr. Koch foi tão considerável, não somente no mundo especial das universidades alemãs, mas até entre os profanos, operários e burgueses da rua, que houve atropelamentos e encotões defronte das vitrines dos livreiros de Berlim para contemplar as photographias do sabio, como só sucede quando há novos retratos da família real ou do imperador. O dr. Koch é a grande glória que há um mês eclipsa todas as outras, mesmo as glórias militares, de que os alemães tanto se orgulham.

O numero de doentes que nos fins de novembro os comboios da província e do estrangeiro levaram a Berlim, é incalculável. vieram de todos os cantos da Europa, e tere que se improvisar hospitais para os receber.

A este grande entusiasmo, sucedeu, porém, um certo desapontamento, porque a lympha de Koch parece não produzir ainda os resultados maravilhosos que as gazetas alemãs anunciam.

O problema da cura da tísica parece que ainda não está completamente resolvido. Parece que houve grande precipitação no emprego da lympha de Koch, e que os resultados ainda não são satisfatórios, como se julgava a princípio.

O celebre dr. Virchow apresentou grandes reservas com respeito à eficácia do tratamento — o que não obstante que os médicos de todos os países começaram a inocular tuberculoses, com tal ou qual levianidade, como se se tratasse de um remedio conhecido e ha muitos annos ministrado com ótimos resultados.

Em Portugal os trabalhos do dr. Koch despertaram imensa curiosidade, não só entre os médicos, mas também entre o público. E para satisfazer esta grande curiosidade que a Ilustração oferece hoje aos seus leitores duas páginas de gravuras, qual d'elas a mais interessante.

Uma página é o retrato fiel do dr. Koch, representado dentro do seu laboratório.

N'outra página ha uma primeira gravura representando uma inoculação a que assiste o professor Bergmann; e a segunda gravura representa a famosa sessão da sociedade cirúrgica de Berlim, na qual foram representados pelo professor Bergmann cerca de trinta doentes de tuberculose. A esta sessão compareceram todas as sumidades científicas de Berlim, tendo à frente o celebre dr. Virchow. As inoculações, por meio da seringa de Pravaz, foram todas feitas sob a omoplata direita. A

NO QUARTO DE LAIS

É de volupto o leito em que adormeço.
Roçam-me a carne beijos e plumagens.
Alvo collar de perolas sem preço
desata, a espaços, uns claros selvagens...

Batem da Lua os raios no collar.
Sinto o corpo, — um divinal thesouro;
e lembram-me essas formas, ao luar,
folhas de lyrio com vislumbres de ouro.

Na purissima tez, fresca e vivace,
que só de olhal a feia um peito exangue,
tens uns veios azues como se andasse
uma saphira a percorrer-te o sangue.

Com tuas formas idealiso o harem.
Deslumbrantes houris, meu sonho, inerme,
não tem os brilhos que os teus seios tecem
na penugem dourada da epiderme.

Dá-me essa taça cheia de segredos...
esses contornos flaccidos de arminho,
deixa que eu gose os teus encantos lèdos,
como quem sorve um delicioso vinho.

Que sede eu tenho qu'undo nos abraça
um balouçar suavissimo de rede...
porém, se bebo da iriada taça,
fico-me sempre com a mesma sede.

Cerro meus olhos languidos de lève.
Fazem-me doido uns labios tão vermelhos.
Como a dois travesseiros cõr de neve
justa-se a branca roupa nos teus joelhos.

Repoiso então sobre esses travesseiros;
pois, se te abraço, pomba, desfaleço.
Da aurora fulgem os clarões primeiros.
— É de volupto o leito em que adormeço.

AN-DRIO FOGAÇA

A PASTA DENTÍFRICA DE BOTOT

VENDEM-SE TODAS AS PRIMERAS CASAS
E EM SEU DEPOSITO GERAL DE LA

UNICA VERDADERA ÁGUA DE BOTOT

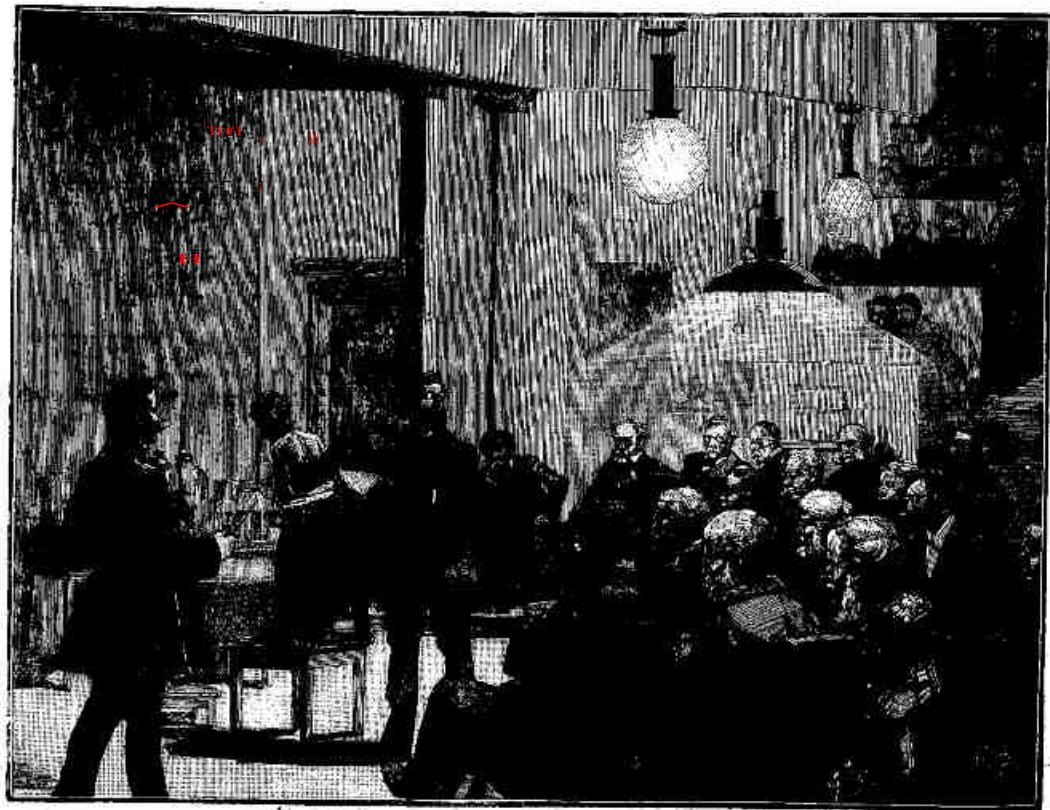
PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS



O DOUTOR KOCH NO SEU LABORATÓRIO



O PROFESSOR BERGMANN FAZENDO A OPERAÇÃO



BERLIM.—UMA SESSÃO NA SOCIEDADE DE CIRURGIA, INÉNCIA DA LYMPHA DE KOCH

dor é nulla. Até as crianças supportaram a operação, sem um movimento, sem um grito.

Bellas-arts.— Uma scena da «Jacquerie»

A nossa grande gravura é a reprodução de um notabilíssimo quadro de Georges Rochegrosse, que obteve um grande sucesso no Salão de Paris.

É uma pagina da história tragicá de França. A Jacquerie significa a grande revolta dos camponezes do século xiv contra os senhores feudais.

Esta revolta rebentou no dia 21 de maio de 1358, dia de Corpo de Deus. Os camponezes, em numero de cem mil, devastaram os castelos, massacraram os nobres, praticando crimes espantosos, chegando a assar um nobre e a obrigar a família da vítima a tomar parte n'este fúnebre e repelente banquete.

Impressionado com a leitura d'estas scenas terríveis, Georges Rochegrosse compôz o seu quadro em que representou o salão de um castelo feudal invadido pela população desvairada e criminosa. Uma nobre figura de velha fidalga desafia os invasores, enquanto as crianças se escondem cheias de terror.

É um quadro tratado com um raro sentimento e um extraordinario vigor dramático.

A reprodução em gravura é devida ao buril do eminentíssimo gravador parisense e nosso assíduo collaborador Ch. Baudé.

Nessa gravura se conserva todo o vigor da composição, todo o brilho e todo o colorido do original.

Guilherme III da Hollanda

O rei Guilherme III da Hollanda, de quem damos hoje o retrato, faleceu no castello de Loo, no dia 23 de novembro, pelas seis horas da manhã, depois de prolongada doença.

Nasceu em 1817 e tinha casado em segundas nupcias, em 7 de janeiro de 1879, com a princesa Emma de Waldeck-Pyrmont, de quem teve uma filha no dia 31 de agosto de 1880, a princesa Wilhelmina-Helena-Paulina, que sucede a seu pae no trono da Hollanda, sob a regencia da rainha Emma.

O grão-ducado do Luxemburgo, onde reina a lei salica, em consequencia d'esta morte desligou-se da coroa da Hollanda, e voltou ao duque Adolfo de Nassau, que já foi proclamado regente.

A situação politica da Hollanda é hoje bastante critica, pois que o facto do paiz estar governado por uma criança e por um senhor-rua pode trazer complicações graves, tanto mais que o socialismo na Hollanda tem atingido grandes proporções, entre as classes trabalhadoras, entre os operarios, os lavradores e os marceneiros.

No proximo numero publicaremos o retrato da linda rainha Wilhelmina da Hollanda, e de sua mãe a rainha Emma.



NO CASTELLO NEGRO

Alli em baixo, no valle, por entre a brancura das paredes envidradas de fresco, destaca-se a moradia de D. Pero, fidalgo de meu nobre linhagem, retirado do bueíto da corte, porque a lhança de seu trato se constituiria em uma barreira insuperável perante os de sua estirpe.

Era um castello de pedra ennegrecida pela chuva; tinha um ar phantastico, terrível, um ar d'epocas passadas, e uma lenda de visões d'alem-tumulo, a dancarem macabramente nos cerebros ingenuos da gente do logarjo.

Vae em volta de cinco annos passei por alli, D. Pero acolheu-me em sua casa.

Como era confortavel o palacio, e fino o trato do fidalgo!

Contou-me a vida patriarchal que levava n'aquelle castello medievo, em que os seus avós nasceram e morreram, na indiferença indiscutida do que ia por fora. O jardim do castello, transformado em um horto, tomava-lhe algum tempo, e o resto era quasi que passado em excursões pelas imediações da aldeia.

— A casa, dia-me elle, é boa, como vê, mas tem uma lenda estupida de espíritos, almas do outro mundo, e que sei eu? Mil aneirias!... ajuntou cosiendo a longa barba branca e esboçando um sorriso a um tempo de superioridade e de descrença.

Fiz-lhe a exposição do que eu pensava a tal respeito; e o velho desdenhava do meu scepticismo.

— Quantos outros me tem dicto o mesmo e tem sahido d'aqui impressionados por tão extravagantes apparições. Eu, e creio que só eu, n'vi até hoje cousa alguma.

Foi no decorrer d'esta conversação, que vi-si-tei a casa toda, desde os aposentos do velho até à biblioteca meio fradeca, meio cavalheiressa.

Tudo edade-média! Até D. Pero, no nome, na figura e no falar!

Sentia-me um cruzado, um heroe do passado, n'aquelle gaiola de pedra, sinistra como um preságio mau.

A qualidade em que cabira, fazia-me admirar as preciosidades d'outros tempos, espalhadas prudicamente pelas salas, n'um abandono de voluptuosa intuição artística; e ao mesmo tempo acordava em mim um d'esses entes, que todos fômos, e que de remotos dias transmigrou para o nosso corpo, caindo em uma hibernação que por vezes parece morte.

Hontem é hoje; sómente muda a decoração, a exterioridade. No fundo sempre vivemos. Quem de nós se não recorda, lida a historia de uma epocha, das personagens d'então, dos gestos, da sua voz, da bravura que nos com bateu feridos lhes deu nome e gloria?

Quem não reconstitue, scena a scena, o passado, e não acha, reminiscencia por reminiscencia, traço por traço, o que foi a vida de hontem, quando se deixa prender do aroma que de lá nos trazem os móveis, as sedas, os livros—tudo isso que guarda a tradição e remoça e reanimá de um alento sempre novo a eterna vida?...

Davam as duas no relogio cico, que tinha uma nota insolente n'aquelle mansão de vago misterio, como uma nesga de perna bem torneada que se visse a uma castissima donzella.

Fomos jantar. D. Pero comprehendia o pra-

zer do estomago. A abundancia e variedade na mesa solarenga não desmentiam a minha primeira impressão.

Acabado o jantar, tive de pedir ao Deus de todos nós, que me desse o pão de cada dia.

Confesso que ao fazer o signal da cruz, olhando o velho, automaticamente, cheguei á emoção. Mysterios...

Sahimos a passear, e quando o sol cahia no occidente, n'esse banho infallivel, recolhemos. Conversámos de mil cousas; inquiri dos seus antepassados; e o fidalgo enthusiasmou-se falando de proezas em Diu, em Creta, sei lá onde?!

Sabia os nomes, as datas, os pormenores! Fôra, decerto, o seu unico estudo profundo...

Aí despedia-se de mim.

Fui vagarosamente para o quarto que me tinha sido destinado, ruminando a sua ultima phrase:

— *Cuidado com as almas do outro mundo!*

Ora, adeus! Não havia em mim dvidas a tal respeito. Nada me poderia aparecer. No entanto não conciliava o sonmo.

Tinha receio de dormir; a intelligencia molle consentia-me estranhos caprichos. Tinha medo, não dos phantasmas, mas d'alguma cousa.

O que seria? O que não seria?

Mau grado a razão que espancava qualquer sombra de duvida, o que quer que fosse atribulava o meu espírito.

Por isso só depois da meia noite pude dormir.

• • •

Quando acordei, vinha sonhando com phantasmas; olhei para o relogio e tinha apenas dormido uma hora.

Tremia todo; as mãos e os pés resfriavam-se-me; batia os dentes, tiritando; tinha vontade de falar alto, gritar como se precisasse de um companheiro e o encontrasse em mim mesmo.

Foi então que vi mover-se parte da parede e aparecer um corpo envolto em um manto preto, empunhando uma lampada, alumando fracamente a ampla quadra; via-lhe os olhos e a máscara.

Que horror! Julguei desfalecer. As crenças e os risos da tarde abandonaram-me para dar lugar aos preconceitos mais bizarros, ás crenças mais extravagantes.

Em pouco estava à cabeceira da minha cama; não se me descerravam os labios; ia morrer...

Senti-lhe a mão fria sobre a minha, e não a retirei; perdi a força. Fingi dormir, e o vulto tocou-me com força para despertar.

Perdi a esperança de enganá-lo, e, n'um movimento rápido tirei de baixo do travesseiro o meu punhal, que sem mesmo querer explicar-me a razão, havia collocado alli, á mão, como precaução contra alguma cousa incomprendida, e cravei-o com a valentia de um cobarde, sobre o lado esquerdo do vulto.

Ovi um ai!... E o corpo tombou com estrondo no chão, tinto em uma onda de sangue que jorros gollava da ferida.

Matará alguém! Quem fôra?

Fôra D. Pero, que se fizera alma do outro mundo...

Com a máscara de velludo preto na mão olhei, a ultima vez, para o velho; vesti-me e larguei o punhal. Dentro em pouco estava fora da aldeia, e tinha, guardada como uma reliquia, respeitada como uma recordação caríssima d'amor, aquella máscara maldita, meu remorso inseparável, eterno.

E hoje, e sempre que passo por alli, ao ver no fundo do valle a casaria branca, parece-me ouvir, de longe, mais e mais a sumir-sé, em uma suavissima agonia de justo que parte para o incognoscível, sem odios, o — ai! — do fidalgo,





ELIAS ARTE - Uma cena da Vida

Quinta da Gogue - Expresso

«Ilustração 7»

como o dobre funereo da minha consciencia.

Maldicto seja eu!

E o castello, cada vez mais negro da chuva, tem agora a lenda extraordinaria de que um dos espíritos que o povoadam, apunhalou o seu ultimo senhor, D. Pero, aquelle meu amigo de um só dia,—o ultimo da sua vida.

JOÉ BARBOSA.



ILHA PHANTASTICA

A' EXPO^{SI}SI^{ON} D. JULIA LOES

(No seu liro de contos)

I

Ao lér-te e ouvir-te, sabes no que eu penso?
Penso no mundo ideal da phantasia,
Esse paiz estranho, ignoto e immenso,
Inundado na luz de eterno dia.

No largo oceano intermino dos sonhos
Vou amarrando o meu baixel mesquinho,
Soberbo e ovante como um deus marinho
Por quem é doce o mar e os céos risinhos.

Nereidas e tritões de buzios torsos
Tiram meu barco, alegremente rindo,
Disfarçando com musica os esforços,
De extravagantes sons o ar ferindo.

E navegando mais, e navegando
Entro de maravilha em maravilha,
Até que ás plagas chego de uma ilha
Onde ouço muitos passaros cantando,

Do luso bardo a *Ilha dos Amores*
Só da que eu vejo te dará idéa,
Se eu disser que na d'elle ha menos flores,
E que é tanto maior quanto mais feia.

II

A minha é um jardimzinho fluctuante,
Onde a flora mais provida e mais rica
Milhões de flores planta e multiplica,
Num delírio de febre fecundante.

O solo é de ouro virgem surribado,
E todo em raras plantas arrebenta:
Sente-se o esfórco vivo e desesp'rado
De uma vegetação doida e violenta.

As nunca vistas flores e formosissas
Que ha n'esta ilha, são de tal belleza,
Que espanto dando á propria Natureza,
Tornam mesquinhos as mais bellas rosas!

O que não se imagina ou se presume
É o visivel e doce thymisima,
O tactil e suavissimo perfume
Que todo o espaço, em ondas, embalsama.

Frigga, a deusa do Norte,—cujo encanto
No chôro está,—melhor que a Venus grega,
E quem fecundi o solo e as plantas rega
Com as lagrimas d'ouro do seu pranto.

E' uma estancia de amor, no mar perdida,
Que à mente escapa e que não cabe em verso;
Beijo da Natureza embevecidia
Na suprema harmonia do Universo!

III

Não ha alli noite. Fulge como estrella
Cada uma flor. E alli tu és a Fada,
Por um poder divino transformada
Em colibri com voz de philomela.

Nas pequeninas pennas multicôres,
Que o arco iris todo em si retratam,
Pareces ter as pétalas das flores
Que dos ramos em cachos se desatum.

Corda-te a cabeca rutilante
De estrelas uma vivida grinalda,
Onde as cores resplendem da esmeralda,
Do rubi, da saphira e do diamante.

Uma população de aves canoras,
Que ora em remigios volta, ou para e ascende,
Então a symphonia das auroras,
E no teu poder, ó Fada! os preitos rende!

E tu, pequena, débil e graciosa,
Inveja das rainhas, dominando,
Regendo vnes o sonoro bando
Que forma a orchestra alada e sonorosa.

Vives na gloria extrema, entre os fulgores
Da apoteose viva! Eterna boda!
Nupcias de sons, de aromas e de cores!
Epithalamio que enche a terra toda!

IV

Este paiz de luz e de poesia,
Eu vejo-o sempre que os teus Contos leio.
Nasce no doido azul de um devaneio,
Vive no sonho audaz da Phantasia.

FRANCISCO D'ALMEIDA.



CANCIONEIRO CHINEZ

CASA NO CORAÇÃO

O incendio devorou inteiramente
a casa onde eu nasci;
para esquecer o tragico accidente
embarquei e parti.

Ao som da flauta d'ebano esculpida,
cantei á Lua, que no azul boiava;
mas a Lua velou-se entristecida
n'uma nuvem leigeira que passava.

Voltei-me então para a Montanha, e nadu
me inspirou a Montanha erma e sombria...
Deceito foi no incendio devorada
da minha infancia a limpida alegria!

Curvei-me sobre o Mar, já desvairado...
assaltava-me a idéa de morrer,
quando passou, n'um barco illuminado,
uma formosa, estatica Mulher.

E n'essa apparição todo embebido,
pensei, no turbilhão das minhas máguas,
que era a Lua, do azul indefinido,
a reflectir-se no lençol das aguas.

Mas logo murmurei: se Ella quisesse,
dentro do seu franzinzo coração,
sem sombra de pesar, talvez pudesse
reconstruir a minha habitação!

A FOLHA NA AGUA

Ao fremito do vento arrebatada
cae sobre as aguas uma folha verde,
e na vaga translucida embalada
a pouco e pouco se desvia e perde.

D'aquelle humor, no coração tristonho,
nenhum vestigio o Tempo conservou;
fugiu de mim esse terrível sonho,
e como a folha verde se afastou.

Mas em frente do lago murmurante
sint'eu sei que pangitivas magas,
vendo a folha a boiar, já tão distante
do salgueiro inclinado sobre as aguas.

Por que motivo? D'esse amor trahido
nem já revejo a sua imagem morta...
e não sei que desgosto indefinido,
nem que triste saudade me transporta.

Mas vendo a folha que boiava ao largo,
ao pé do arbusto em que nasceu, voltar,
penso que nunca o sofrimento amargo
d'esse perdido amor pode acabar.

* * *

O PAVILHÃO DE PORCELLANA

De porcellana verde e nacarada,
no lago, o esbelto pavilhão se ergua,
para o qual uma ponte recurvada
como dorso d'um tigre conduzia.

Vários amigos bebem lentamente,
n'esse elegante pavilhão reunidos,
taças d'um vinho capitoso e ardente,
de sêda clara e de setim vestidos.

Trocam, sorrindo, espírituosos dictos,
versos compondo e rimas combinando,
e inclinam os chapéos, e esquecem ritos
as mangas do vestido arregaçando.

E no espelho do lago silencioso
em que a ponte de Jade reflectida
parecia o crescente luminoso,
— vários amigos que o prazer convida

a beber pelas taças espumantes,
conversam no invertido pavilhão,
com os amplos vestidos fluctuantes
e as cabeças voltadas para o chão.

ANTONIO PEDRO.



A DUVIDA

A Margarida da Portella, quando lhe morreu o homem — um sujeito com quem se tinha casado para fazer a ventada aos pais, duas ambiciosas criaturas, que viam no pretendente, não 65 anos bem puxados e enfermos que elle contava de idade, mas uns certos seteata contos de reis, bellamente prometedores de bellissimas cousas, ganhos com muito ou pouco trabalho nas nem sempre abençoadas terras de Santa Cruz — a Margarida, ia eu dizendo, quando lhe morreu o homem ficou um viuva digna de tentar o mais ferrenho anseio.

Além dos referidos seteata contos, de que



GUILHERME III, REI DA HOLLANDA
FALLECIDO NO CASTELO DE LOO, NO DIA 28 DE NOVEMBRO



A MODA PARISIENSE

As nossas *toiles* de hoje ainda são muito novas, e o outono é do que de rigoroso dezembro, com seis e sete graus abaixo de zero, o Sena arrastando pedras, enormes de gelo, e os lagos de Bosque gelados, permitindo às elegantes de Paris grandes corridas de patins nos terrenos do creste dos patinadores.

Ainda não mostramos n'este numero o império da *Tourte*. Pica reservada para outro numero essa exibição riquíssima dos belos e longos casacos de lona, destratados ou de marta, cobrindo todo o corpo, da cabeça aos pés, moda que nos veio da Rússia e que em Paris se tem implantado a pouco e pouco.

Estes sobretudos casacos, *mantelins*, *paradesas*, ou como muitos querem chamar, tem uma forma simples, liga e são forrados interiormente. As mangas de pelles são muito confortáveis, e são muito usadas, principalmente as de Karakul.⁶¹⁸

O que fará prazer às elegantes que conservaram as *gigolotes* do anno passado, que se usaram curtas, é saberem que as podem modificar facilmente e que são ainda usadas este anno.

A nova *jaquette* da moda é comprida, formando como



que uma graciosa combinação entre o corte Luiz XV e a casacinha do Directorio.

No costume do género, duas criações simples e elegantes merecem especial menção:

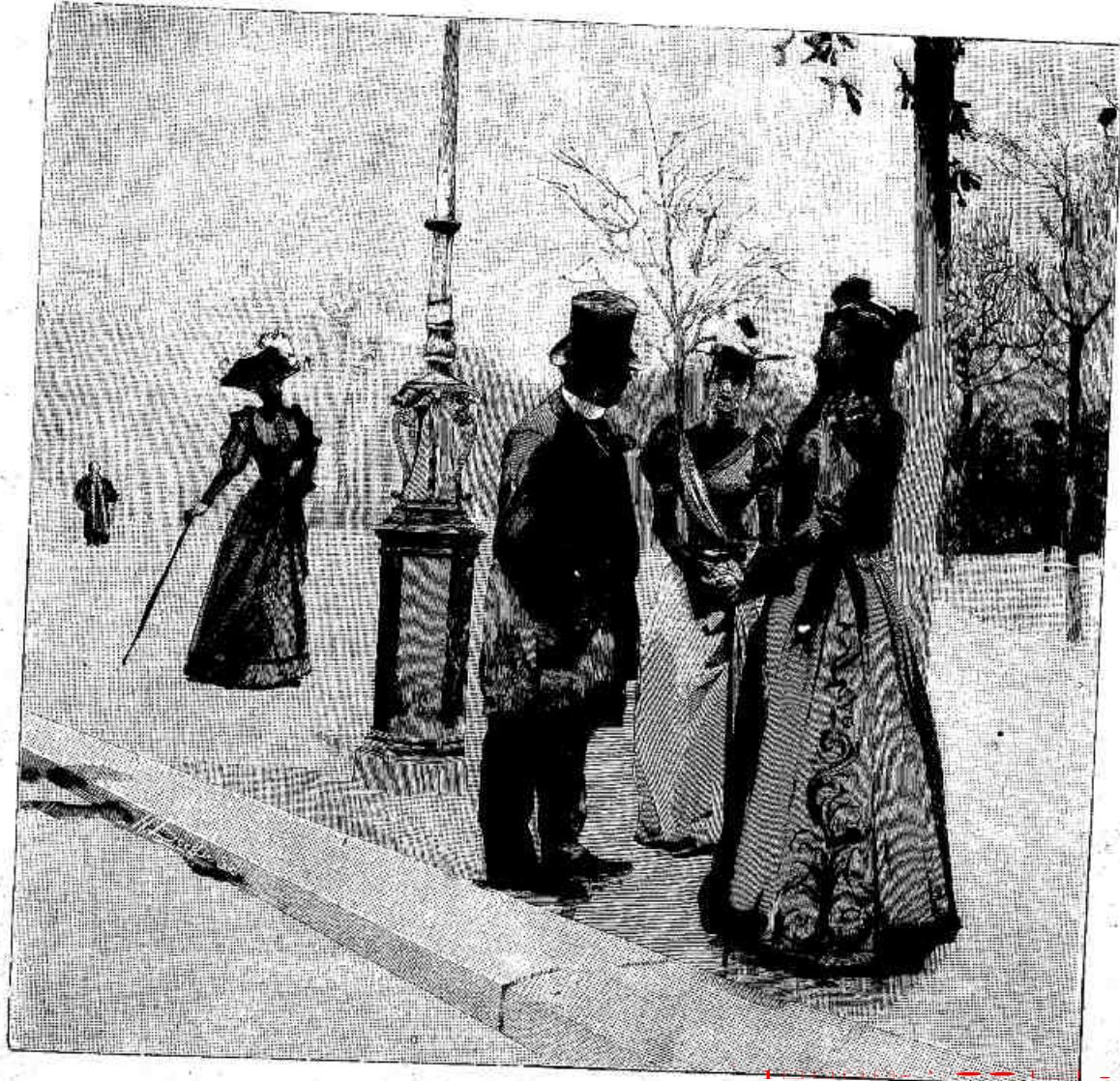
1.º Saia lisa da fazienda verde guarnecida em baixo por uma banda de astralum prato tondo de altura cinco centímetros, deixando um intervallo, e depois uma segunda banda do mesmo astralum tendo de largura quatro centímetros. O corpo é muito unido e chegando ao corpo, e guarnecido apenas na cintura por uma banda de astralum; uma *jaquette* Luiz XV em fazienda da mesma cor e guarnecida de astralum.

2.º O mesmo modelo, em velludo berlinga como *jaquette* comprida, fazendo cintura, pela frente lacada a partir do peito até abaixo do corpo que acaba em ponta. Uma encantadora adiungão é a longa sotiva de *bal*, estilo Renascença, de cachemiri branca, acolchonada, forrada de seim cós de rosa, em formato amplo e apanhado no pescoço, sobre que cai um grande collarinho bordado de seim cós de rosa; um modelo muito prático, e d'um efeito gracioso.

Os vestidos fios ~~presentem~~ comutado nas toilletes de faziendas leves e retímosas as praias são toleradas.

Os modelos de chapéus oferecem uma enorme variedade. Tudo se usa, e do se traz. As capotas continuam a ser pequenas, de velludo de cores suaves, branco, aurore, milho, tília; onnos guarnecidos, plumas ou penas postas na frente e atrás.

Maria de Camões



A MODA PARISIENSE EM NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1860.

o merito a deixou herdeira universal, em consequencia de não ter parentes com obrigação à herança — sendo esta uma das bellissimas causas prometidas, segundo os cálculos admiráveis dos sogros, cálculos facilmente elaborados nos dois besteiros dos solteiros velhotes, desde que perceberam a impressão que a filha causou no *brasil* — no primeiro encontro, n'uma romaria afamada, — além dos setenta contos, de que ella podia pôr e dispôr, os seus encantos pessimos, a sua frescura de rosa em plena florescencia, a malicia dos seus olhos negros como tudo que se imagine de mais negro e engracado, e o sorriso da sua bôca vermelha e pequena — preciosos estojo onde brilhavam, como fios de perolas, uns dentinhos capazes de trincar fructos mais doces que a célebre maçan do Paraíso, e muito mais capazes ainda de fazerem trincar maçans mil vezes mais perigosas — estas duas causas, sobretudo, olhos e bôca, realçadas pela cor do lucto, o preto, que é a *boa fortuna* das mulheres, conforme Theophile Gautier, porque lhes fica à maravilha, tanto que elle tinha medo de casar-se, não fosse a mulher dar cabo d'elle para se vestir de lucto — tudo isto na minha humilde opinião, justificava exuberantemente a corte assídua de que a Margarida da Portella se via cercada, e que era composta de todos os rapazes casadouros da freguezia e das freguezias circunvizinhas, pois que a fama de moça tão rica e gentil tinha transposto os limites locais fôrça gaudiar por terras a dentro, ateando grandes fogos de amor e de cobiça em innumeros peitos até alli exemptos de paixão, ou a espera de objecto merecedor do fatal tributo.

Não se compunha só de rapazes a corte de apaixonados de Margarida; de lhes a primazia de citação porque eram elles os que formavam a maioria; compunha se também de figurões que passavam já dos trinta e seis annos, uns ainda solteiros, outros que desejavam repetir, sob aquelles óptimos auspícios, o dô de matrimonial. Margarida, porém, alvo de tantos suspiros e de tantos olhares languidos ou gaiatos, consoante a índole dos que buscavam atrahilhá-a, não mostrava preferencia alguma e parecia querer guardar eterna fidelidade ao seu marido morto. Mas, como viuva rica, ainda que muito edosa, raro fica sempre viuva, a esperança com esta, que era nova e linda, extinguiu as suas brancas azas por sobre aquelle viridente alçobre de Romeus, e o feio desespereiro não ouava empolgar com suas astidas garras nenhum dos apaixonados corações. A mesma indiferença de Margarida, indiferença ou que quer que fosse, contribuiu para os conservar reunidos, a modo de um rebanho de carneiros, ao fim da tarde, à hora do recolher, na anciadade latente da deseñada preferencia. Passaram-se dois annos e nads! Houve um encontro que se arriscou. Era viuva e talvez o rallassem, por noites mal dormidas, no solitário leito, amargas saudades da finada consorte... Falou elle com os pais de Margarida, fazendo-lhes a sua proposta, que não foi desarrazoada, porque o viuvo tinha bastante de seu. Os pais consultaram a filha e avisaram-na de que se tratava de um bom partido; receberam em resposta — que não se casava por enquanto, se se casasse, e que, a dar esse passo, o escolhido não seria tal pretendente. Teve, por conseguinte, o homem de ir procurar em outra parte quem lhe matasse as ralldoras saudades, se eram realmente saudades o que elle sentia. A este seguiram-se muitos outros, sempre à semelhança dos carneiros, que em passando um, hão de passar todos, e todos receberam identica recusa. A esperança começou de encolher uma das níveis azas, e pessoas sensatas opinaram que a rapariga tinha Bôla. Essas pessoas sensatas pertenciam, quasi na totalidade, ao sexo amavel, e entre

elas contavam se muitas viuvas respeitáveis e respeitadas... Quando se exgotou a primeira ser e de adoradores, o que levou outros dois annos seguros, surdiu nova camada; mas estes vinham espacados e faziam-se preceder de manhosos artifícios, próprios dos machiavélicos cidadãos do nosso formoso Minho, que n'este ponto são inimitáveis. Não valeram, porém, de causa alguma as diligencias empregadas. Continuaram as recusas. A esperança entrou acabou de encolher a primeira eza, encolheu rapidamente a segunda, e, mettendo-lhe debaixo a cabeça, adormeceu, ficando definitivamente assentado, entre as supracitadas pessoas sensatas e respeitáveis, que a Margarida da Portella tinha forte pancada no miolo!

Bonita e rica e estar quatro annos viuva era, com efeito, caso para que fosse suspeitada de ter pouco juizo a nossa Margarida. Todavia a causa era simplicissima, no fim de contas. Margarida ti ha-se casado em primeiras nupcias contra sua vontade, por mera obediencia à vontade dos pais; agora, que estava independente, não sentia repugnanci por um segundo casamento, longe disso, valha a verdade — o que ella queria era encontrar marido a seu gosto, no que, ainda a meu parecer, e salva melhor opinião, andava com hcérto, porque se dos casamentos por amor tantas causas temíveis resultam para o socêgo das famílias, o que não sucederá nos casamentos em que o amor não toma parte!

Ora, aconteceu que dos pretendentes que durante os quatro annos referidos se apresentaram, nenhum foi considerado pela gentil viuva com os requisitos suficientes para a levarem a reatar os sagrados laços conjugais. Já se vê, pelo exposto, que a questão não era da pancada no miolo, na phrase pitoresca de que se serviam os criticos, mas procedia da falta de atractivos nas pessoas dos pouco afortunados concorrentes. Talvez houvesse demasiaas de exigencias do lado da requestada, não contesto; o que, porém, não ha remedio senão admirar é que ella usava de um direito incontrastavel, pelo menos assim o consideramos quando se trata de nós mesmo — o direito da escolha. Sejamos razoaveis; se todos os homens a escolhiam, porque não havia ella de escolher um homem?

Vejamos agora o que tornava de tão difícil contento a Margarida da Portella.

Na eventualidade de ter que apresentar-se um dia com ella em algumas salas de Lisboa ou do Porto, quando lhe rutilasse ao peito, no fundo escuro da casaca, certa comenda que andava procurando alcançar o vitimal o a inexorável parca, o marido, depois de lhe ter mandado dar, nos tres primeiros annos de casados, uns exordios de educação, deixaria que Margarida lèesse romances, e de tal leitura resultou aquella deficiencia de qualidades atraentes nos numerosos requestados minhotos, que desejavam possuir a aos olhos da santa Egreja. Qual d'elles poderia realizar o tipo de um galante de romance? Margarida criara um ideal e, ou havia de o encontrar, ou morria viuva — o que seria uma pena...

Por aquelle tempo, isto é, decorridos quatro annos e meio justos, a contar do fallecimento do brasileiro, correu pela freguezia a noticia do proximo regresso do filho do Antonio da Azenha, que d'allí se partira em pequeno, a ganhar fortuna, também para o Brasil. E voltava muito endinheirado, pôdre de rico, afirmavam. A Margarida e o Joaquim da Azenha tinham-se dado muito em creanças, e porque andavam sempre juntos tiveram fundas saudades um do outro, quando foi da separação. Já lá iam dezoito annos seguros! Ao ouvir falar na volta de Joaquim, Margarida recordou-se dos seus tempos infantis. — Como estaria elle agora?... Elle era mais velho... — Lembrou se que, de uma occasião, andaram os ambos a correr e aos saltos junto do ribeiro,

ro, e el'a lhe excorregára um pé e cahira na corrente, no sitio peor; que elle, sem tir te nem guar-te, se atirara atraç d'ella para a salvar, decerto, mas que um e outro pereceriam infallivelmente afogados se h'um creado de la voura, que por ali passava ou andava a trabalhar perio, não os viesse tirar da agua... Este facto não se riscou nunca da mente de Margarida e avivava se, no presente, com extraordinarias cōrēs. O pequenito fôra um verdadeiro heroe; vigorar se-hiam esses sentimentos no homem feito?... A sua imaginação de mulher, conchavando-se com um principio de irritabilidade, produzido, talvez, por aquelles quatro annos e meio de expectativa, repetiu lhe que sim, que elle voltava um heroe em ponto grande. E-tar lhe-hia reservada alguma deceção? Muitos homens temem isto com elles — o reservarem enormes surpresas para quem os conheceu dignos de elogio em crean-

cas... Finalmente, o Joaquim da Azenha (demos-lhe o nome por que era conhecido na freguezia) fez a sua entrada solene na terra que o viu nascer. Foi um dia de festa rija. Estouraram foguetes sem conta, repicaram douadamente todos os sinos da torre da egreja, como no dia do orago, tal qual, estrugiram majorcamente duas musicas — um triunfo! Houve jantar de espavento, um banquete que poderia figurar entre os banquetes dos tempos antigos, se bem que não apparecessem alli os bois assados inteiros em foguerias onde se consumia a lenha de urnas poucas de arvores... Os convidados não tiveram razão de queixa e não se queixaram — causa mais rara que o que se pode julgar, ficando aquella data gloriosamente gravada nos estomagos... querer dizer, nos corações de tão boa gente.

Margarida não assistiu à festa. Não pude averiguar porquê; mas extranhava, por certo, a sua falta quem soubesse que, ha muitos dias, ella andava tão preocupada com o regresso do da Azenha que era esse o seu pensamento constante. Se não foi, lá teve os seus motivos particulares para deixar de ir. O tempo da viuvez era já longo, as relações que mantinha com a família do recemchegado eram intimas; se havia pois que notar, era a sua falta. Mas não foi. E-preteou, porém. Espreitou e viu, como é natural que vei quem espreita... O Joaquim vinha capaz de fazer estalar de paixão todas as raparigas da freguezia! Alto, desempenado, um pouco trigueiro e um pouco nutrido, bellos olhos, bôca risonha, e um sorboento bigode, castanho, bigode que era um escândalo para as teimosas suassas de fociñias dos seus conterraneos. O Brazil d'esta vez portaria-se bem.

Foi à beira do regato, que atravessava a aldeia, e ao qual já me referi, que Margarida e Joaquim se encontraram primeiro, depois do regresso d'este. E, coincidencia notável, encontraram-se justamente no sitio onde se déra o facto que transformou o pequeno em um heroi os olhos de Margarida!

Havia dias que a viuva passava por alli todas as tardes, demorando-se algum tempo a fitar a correnteza com a curiosidade de quem lhe procurasse no fundo uma causa que lá vesse cahido. Com aquella, era a terceira tarde que Joaquim passava também pelo sitio. Tinham-se desencontrado por diferença de poucos minutos. Atrahilhoso-hia a mesma recordação?

Encontraram-se, pois. O sol, o sol quente de julho, inclinava-se rapido para o occaso, fazendo estirar pelo chão e parte do ribeiro, como longas fitas escuras, as sombras dos choupos esguios que bordavam as margens, e além do cicio das folhas, movidas por fraca viração casando-se com o murmurinho da agua que deslizava, somente se ouvia ao longe, uma voz fresca de rapariga, cantando, ao acompanhar

gudo, que recolhia dos campos. A medida que se aproximavam, Joaquim parecia fixar mais atentamente Margarida, como se pretendesse descobrir-lhe no rosto traços de pessoa conhecida, que há muitos anos não via; e ella, notando a insistência com que era fitada, sentia o sangue afliuir-lhe todo às faces. No momento em que se cruzavam, Joaquim correu a viuva e, resolvendo-se, perguntou-lhe com voz trémula de verdadeira ou fingida comção:

— Tem a bondade de me dizer... a senhora não é... não se chama... Margarida da Portella?

— Tanto fizeram os anos, que precisa fazer-me essa pergunta? Eu conheci-o logo, Joaquim — balbuciou ella, intimamente admirada de que a deixasse proferir palavras as violentas palpitacões do coração.

— Deus do céo! Deixei-a com oito ou nove anos... mas, ainda assim, eu ia jurar que não me enganava, que era a menina... A menina! que estou eu a dizer? Desculpe-me, por quem é!

— Tem razão, uma viuva...

— Viuva, sim, contaram-me que se tinha casado... que tinha enviado... Deixemos agora da parte as cousas tristes... Já vê que, se me conheceu logo, eu não deixei também de a conhecer. Até que enfim a encontro, e, desde hoje, posso afirmar que são ditosos os meus olhos!

— Tencionava ir breve a casa de sua família...

— Breve? Quando chegaria esse breve? E' mais que certo: longe da vista, longe do coração. Em outros tempos não estariamos tantos dias sem nos vêrmos, pois não?

— Acredite que, se não fui vê-lo à sua chegada, não foi por falta de amizade...

— Lembrava-se então do seu companheiro de brinquedos?

— Se lembrava! — acudiu ella irreflectidamente.

— É muito boa, Margarida! No Brazil também eu me lembrava muito da minha terra... desse querido bocadinho de tetra, e das afecções que por aqui me ficaram... sobretudo de uma pequenina com quem eu andava sempre, da linda Margarida! Mal imagina quanto estas recordações da patria confortam os que andam por lá, nas horas amargas do desalento, que são tão continuadas — mal imagina!

— Ha sempre quem não deixe esquecer certas cousas... Conhece ainda este sitio? — interrogou ella, levada do impulso que lhe partia directo do coração, dando assim inadvertidamente, largas aos pensamentos que a traiziam há dias alheia.

— Este sitio? O nosso riacho... Muito nos divertimos por aqui!

— E foi aqui mesmo...

— Que foi?

— Foi aqui mesmo que me salvou, ou quis salvar a vida, arriscando-se para isso a morrer afogado.

— É verdade, é! Que fiel memória a sua! Não me lembrava já...

— Pode bem ser que não se lembrasse... eu que hei de confessar-me eternamente sua devedora.

— Devedora? Não pronunciás semelhante pa-

lavra! Se, com efeito, alguma cousa me desse, Margarida, não ficariam as nossas contas saladas só com o recordar-me a sua vida? E' moeda tão rara a gratidão? E' gratidão de quem... Offereça-se ainda ensejo de eu lhe mostrar a muita aflição que lhe consagro, sacrificando-lhe a minha vida, e verá se o homem tem mais hesitações do que as que teve a creança...

— Não relatarei aqui, por inteiro, o dialogo travado entre Margarida e Joaquim da Azebra, na margem do regato, nem os diálogos, cada vez mais intimos, que se lhe seguiriam. Tanto se aproximava do seu ideal o seu companheiro de infancia, ou tanto influiram n'ella as recordações d'aqueles felizes tempos, que Margarida rendeu-se, finalmente, ao amor, dedicando a Joaquim todos os mais puros afetos da sua alma. Elle afirmou lhe, como de costume, em tais casos, que não trocaria a sua felicidade pela fortuna de um rei... de um rei afortunado, é de prever — e que a sua vida seria pouca para lhe pagar tanta ventura!

Decorridos dias, não se falava senão no proximo casamento de Joaquim com Margarida. Foi geral a inveja que despertou o triunfo do novo Cesar, que chegaria, vira e vencera o coração que por aquellas freguezias mais apertados cércos sofrera, sem dar mostras de fraqueza. Foi geral a inveja, disse; mas todos os invejosos, reservando o direito de o serem em particular, uns com os outros, commentando, comprimentavam o feliz, com grandes expansões de sincero contentamento. Os pais do noivo exultavam; mas, repetiam ao mesmo tempo, a quem os queria ouvir, que o seu rapaz não encontrava, dez leguas em redondo, quem competisse com elle em gallardia e boas falas e que a Margarida podia gabar-se de que apanhara o melhor partido n'este enlace, pelo homem que lhe cahira em sorte. E' tão desculpável o orgulho dos pais!

(Conclue no proximo numero).

SOCIÉTÉ HYGIÉNIQUE
PARIS

PTYCHOTIS, Victoria. Málachite, etc.
Cóxas novas, molas condensadoras para cintos.
AGUA DE COLONIA REAL (alcoólica).
Perfume elaborado a muralha nova o Toscana.
SABONETE DULCIFICADO
De semente de manjericão para a pele.

Cada estação traz as suas exigências. E' durante os dias de calor e a chegada das primeiras brizas do outono, que as mulheres cuidadas da sua beleza devem tomar as mais minuciosas precauções, para preservarem a pele contra os ardores do sol e as bruscas mudanças de temperatura. Para prevenir ou curar as epidermes muito sensíveis, L. Legrand, o eminentíssimo perfumista-chimico, criador da perfumaria Oriza, 11, place de la Madeleine, possue receitas infalíveis. Para embranquecer a pele, a sua crème Oriza é soberana! O Oriza lacteo que a adjuça e lhe dá a frescura é a loção favorita de todas as lindas parisienses. Trazem-n-a sempre consigo, n'um pequeno frasco de algibeira, empregam-na no rosto e nas mãos muitas vezes por dia, passam em seguida pó de arroz Oriza, e assim seem sempre a certeza de ter uma cor deliciosa, que parece feita de lirios e de rosas. A essência Oriza do violetas do Czar é um perfume d'uma delicadeza e d'uma suavidade deliciosa; a mulher que d'ela se serve dá aos que se aproximam a impressão d'um verdadeiro ramo de violetas, n'aquele instante colhido. O sabonete, a agua de colonia e também a agua dentrífica de violetas do Czar são produtos finíssimos, igualmente adoptados pela alta sociedade. Até os perfumes solidificados de essências de Oriza vão por esse mundo fora tornar conhecidos com as suas deliciosas exhalacões, os maravilhosos produtos d'esta casa cuja reputação é universal.

PATRIOTISMO

Servir de Portugal a nação e a coroa,
E depois perfumar se de Congo, encantado
Sabão que a fama traz de Paris a Lisboa,
E a mais feliz sorte de um bravo soldado

Um official no suboeste francês
Victor Vassier

Os processos aperfeiçoados empregados pela casa Oriza de Legrand para a preparação dos seus solidificados, revolucionaram a ciencia dos perfumes. Por isso esta nova descoberta faz uma tal sensação no nosso high-life. Não se temido tão requintado e sempre avido de progresso.

L. Legrand, o celebre perfumista-chimico que creou a perfumaria Oriza, teve a ideia, poetica acima de tudo, de fazer de cada mulher uma flor perfumada. Com esta ideia e com o auxilio da ciencia, compoz doze perfumes solidificados com as essências Oriza. Basta esgrifar o lapis por todos os objectos que se desejem perfumar, porque a ação é devida ás moléculas de perfumes que este depõe sobre os objectos submettidos ao seu contacto. A mulher pode assim, sem receio de manchar os vestidos, como sucede muitas vezes com as essências, impregnar toda a sua pessoa com o seu perfume preferido, envolvendo-se e transformando instantaneamente n'uma flor animada, flor encantadora, flor adorável, a quem se devem todos os sucessos, todos os triunfos.

SABÃO REAL | **VIOLÉT** | **VELOUTINE**
União francesa
11, place de la Madeleine, Paris
Fabricado com essências preciosas para a Elegância da Pele e das Roupas.

BIBLIOGRAPHIA

O Arithmographo

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o novo Arithmographo de M. Tronet, que acaba de publicar a casa Larousse.

Sob a forma d'uma carteira d'algibeira muito elegante, este pequeno calculador mecanico realiza as quatro operações, adição, subtração, multiplicação e divisão, até 10 milhares.

Por meio d'um lapis especial com dois bicos pode se escrever a vontade sobre as paginas ardósadas d'uma carteira, ou deixar escorrer os regretos móveis que efectuam como por encanto os cálculos propostos.

As pessoas que tem um bocado de prática, operam com uma rapidez surpreendente sobre o Arithmographo. Uma explicação junta á carteira permite saber funcionar com segurança, depois d'alguns instantes de exercicio.

O Arithmographo Tronet para as quatro operações é expedido franco contra um vale de correio de 4 francos dirigido à livraria Larousse, 19 rue Montparnasse, Paris. Também se encontra em França e no Extrangeiro, nas principais livrarias.

SUSPENSORIOS MILLERET, elásticos e sem passadeiras. Le Gonidec, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.

ESPARTILHOS

LÉOTY

adoptados pelo

high-life

parisiense.

8, p. de la Madelaine

PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Extrângero

A VELOUTINE
PARIS
ESPECIAL
PREPARADO CON 10 MINUTOS
Por **CH. FAY**, Perfumaria
8, rue de la Paix, PARIS

DIGESTORES
DIÉTÉTICOS
ELIXIR GREZ
TONICO - DIGESTORE CÓDIA, QUINA, COCOA, PIPERINA
CONTRA EM TODOS OS DÉMÉTROS, MIGRAZINAS, DÍSEAS, DÍSEAS DE CÔDIA, DÍSEAS DE COCOA, DÍSEAS DE PIPERINA
PARIS — GREF. 11, rue La Boétie, 16, rue de la Paix

